

Um dom que passa pela liberdade
Notas da Assembleia dos Responsáveis de CL no Brasil
e convidados com Julián Carrón
por videoconferência, 28 de fevereiro de 2021

Canto: *Coisas do mundo, minha nega*

Marco Montrasi (Bracco): Boa tarde a todos, boa tarde, Julián. Estamos muito felizes de ter você aqui conosco. O nosso grande desejo é contar um pouco para você como caminhamos neste tempo, e também agradecer a você por este caminho. Fizemos um retiro de Quaresma na semana passada, e todo o Brasil estava conectado. E foi impressionante ver a quantidade de contribuições que testemunharam um caminho que surpreendeu a todos. Dentro de um período tão absurdo, uma riqueza tão grande, com também grande dor. Então, eu chamei algumas pessoas, além do pessoal do Centro, para contar um pouco do que temos vivido.

Oi, Carrón! Nestes últimos dois anos de colegial, tenho me encontrado semanalmente com um grupo de colegas da escola. Compartilhamos os acontecimentos da semana e as nossas perguntas de uma forma muito simples e humana. Com o início da pandemia, fiquei com receio de continuar propondo esses encontros, mas outra vez fui surpreendida pelo Mistério. Na verdade, passei a agradecer a pandemia, porque além de tornar possível esses encontros entre eles e outras pessoas do Movimento, as perguntas do coração pareciam borbulhar muito mais forte do que antes. Tanto que, como um colega dizia: “A parte mais difícil do dia para mim é levantar. É como se eu não tivesse razões. Mas eu levanto porque eu quero viver”. Encontrar com eles é ficar cara a cara com aquelas humanidades destruídas sobre as quais falamos no livro da Escola de Comunidade (L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, Deixar marcas na história do mundo, São Paulo, Cia Ilimitada, 2019). Há sempre a tentação da redutibilidade do eu ou até mesmo a perda do sentido de tudo. Porém o que me fascina é que, dentro dessa companhia, eu e eles vamos percebendo juntos que é sempre mais. Se o nosso desejo é infinito, só o infinito pode corresponder. No fim, cada encontro com eles é uma ocasião que me faz retomar a graça do nosso carisma, reafirmar a minha necessidade de CL, porque assim como Pedro, penso que sem essa companhia, para onde eu iria? No entanto, queria pedir ajuda numa situação que estamos vivendo agora. Terminamos o ensino médio no ano passado, e por consequência da pandemia todo o cronograma de exames para ingressar na universidade foi adiado. Reconheço que hoje a minha realidade é a espera, mas se eu for sincera, percebo que não estou conseguindo olhar para ela, não consigo ver a espera como uma ocupação. Como você disse nos Exercícios do CLU: “A espera é um dado que exige ser reconhecido, ser aceito, por não se impor de forma mecânica”. Eu não estou conseguindo aceitá-la, e isso abre espaço para uma sensação de inutilidade, para uma ansiedade, e o que me resta é um grito. Quando me dizem que eu preciso esperar, é como se não bastasse, que eu tivesse a necessidade de alguma outra coisa. Poderia me ajudar a olhar para isso? Obrigada!

Como é possível que diante de tanta dor eu encontre tanta Beleza? Para mim, parece quase desproporcional que isso aconteça, mas diante da morte de uma grande amiga, com a companhia de alguns amigos, tenho descoberto que o Senhor não deixa absolutamente nada de fora: nem mesmo a dor. Nos últimos meses acompanhei a Andressa em seu tratamento contra a leucemia. A

sensação de impotência por não poder fazer algo, junto com a preocupação, o medo e a esperança, era oferecida no Terço que junto com ela e a nossa Fraternidade era rezado todos os dias à noite. Eu nunca deixei de rezar pela sua cura, até quando soube que pela medicina nada mais poderia ser feito, eu rezava para que um milagre acontecesse. Até que, com a ajuda de uma amiga, me dei conta de que a vida inteira da Andressa tinha sido um milagre. A confiança e a espera que ela teve no Senhor durante toda a sua vida e sua amizade eram milagres que eu pude tocar com minhas mãos. A graça do milagre de sua vida transborda em todos aqueles que a tiveram por perto, a ponto de me fazer pedir um coração aberto como o dela. Fiquei comovida com os gestos que foram sendo propostos pela minha Fraternidade: entregar desenhos no velório com a mensagem “Estar com Ele é o nosso maior desejo”, levar flores no final da missa de 7º dia, continuar a rezar o Terço todos os dias e pôr a Andressa em nossa intenção, doar sangue no dia do seu aniversário, que também foi o primeiro mês de seu falecimento. Essas coisas tão bonitas que foram acontecendo diante da tristeza me fizeram perguntar: “O que acontece para a gente viver assim?” A dor não me foi tirada em nenhum momento, nada foi poupado, nem aquilo pelo qual eu implorava que não acontecesse. Então, como é possível que mesmo assim eu possa reconhecer tamanho Amor e misericórdia? A Andressa, que anos atrás começou esse caminho comigo, continua a ser companhia, mas contemplando a face do Cristo. É um Mistério. Obrigada.

Julián Carrón: Pergunto a quem falou primeiro: quem a obriga a esperar? Por que você precisa esperar?

Ninguém me obriga. Acho que é como uma necessidade.

Carrón: E o que acontece quando você se levanta de manhã e não espera nada? É a mesma coisa levantar-se esperando – dar um passeio, encontrar uma pessoa querida, fazer um trabalho que te agrade – ou é a mesma coisa não esperar nada? Levantar-se de manhã é a mesma coisa. A pessoa acorda, sai da cama, mas é melhor levantar-se esperando alguma coisa, ou levantar-se sem esperar nada?

Esperando.

Carrón: Esperando. Esperar é uma ocupação dos Santos, porque você encontrou algo, ou encontrou alguém... imagine quando você se apaixona, como é diferente levantar-se de manhã esperando encontrá-lo em relação a não esperar ninguém. Entende? Quanto maior é o que aconteceu na sua vida, mais você não quer perder tempo. Quer viver para esperá-lo, para ir encontrá-lo, para encontrá-lo. Porque não é que a espera acaba quando você encontra. Justamente porque encontrou, sente saudade. Se você não se apaixona, não sente saudade da pessoa amada. Você gostaria de se levantar esperando pela pessoa amada, ou não? Muda toda a vida. Por isso é muito interessante a pergunta que você fez. Por que eu lhe faço todas essas perguntas? Porque primeiro devo fazê-las a mim. Porque parece que a espera é um engano. Queremos tudo aqui, agora, imediatamente. E por isso fiz todos esses exemplos, para entender se era verdade o que você disse, que passou pela cabeça de todos em algum momento. Portanto, o problema não é que a espera seja um engano, seja algo errado, é o sinal de que aconteceu algo com você. Por isso, Péguy, um escritor francês, dizia que para esperar é preciso que tenha acontecido algo grande. Porque aquele a quem não aconteceu algo grande não espera. E, portanto, a questão é você: quando você se levanta de manhã, o que espera? Não quero que você me responda, quero que você pense a respeito: quando você se levanta de manhã, o que você percebe que espera? Porque isso mostra o que lhe aconteceu de grande. Porque se lhe aconteceu algo de grande, não pode não desejar que o que aconteceu ocupe o centro

do seu coração, da sua mente, da sua memória. E então você percebe se o que aconteceu a você é tão verdadeiro, é tão significativo, que você não pode acordar de manhã sem isso. Se olharmos para uma criança, assim que acorda, o que ela faz?

Ela vai atrás da mãe, eu acredito.

Carrón: O quarto pode estar cheio de brinquedos, mas, se falta a mãe, todos aqueles brinquedos não são nada. Assim que acorda, a criança descobre qual é a coisa mais querida. Não é difícil de entender. Chama pela mãe. O problema é se nós nos levantamos como crianças, se temos uma mãe, ou se acordamos como órfãos, porque ninguém nos faz falta. Então o problema não é esperar, o problema é não esperar. É isso o que nossa amiga disse. O que deve ter acontecido para estar diante da dor em relação à sua amiga, com essa confiança, que ela viu em Andressa. O que pôde, enquanto estava doente, fazê-la viver a doença com essa diversidade dentro? Pôde vivê-la justamente pela presença que sua amiga tinha encontrado e que tocou você, de poder viver diante disso com essa, digamos, paz, no fundo, mesmo cheia de dor.

Então, quando você se pergunta: mas o que aconteceu? Por que você está assim diante da dilaceração de uma amiga? Sempre que falamos dessas coisas – o que fez você viver isso? –, não posso deixar de me lembrar do que aconteceu quando meu pai morreu. Eu não conseguia estar diante do corpo dele sem pensar em alguns dos amigos de Jesus que o viram vivo, fazendo tudo o que os Evangelhos contam, e que depois o viram morrer e o sepultaram, mas o tinham visto vivo. Eu não podia olhar para o corpo do meu pai sem que viesse aos meus olhos que eu o tinha visto vivo, que a última palavra sobre a vida não era a morte. Como João, André ou Pedro, quando morreu um irmão, quando morreu o pai deles... A certa altura, também o pai ou a mãe dos apóstolos morreram, e eles não podiam evitar que isso viesse aos seus olhos, como aconteceu com você.

Caro Carrón, moro em Manaus, Amazonas. Podemos dizer que somos o epicentro da covid-19 no Brasil, e para piorar temos o aparecimento de novas cepas que já ganharam o mundo. Sou profissional da saúde, atuo na gestão à frente do Programa do Idoso. É angustiante, pois este segmento populacional é o que mais tem morrido. Todos no mundo inteiro estão acompanhando a dor e o sofrimento de quem perde um ente querido para este vírus. Aqui acompanhamos a dor de fraternos que também apresentaram a doença, uns com sintomas leves, outros mais moderados e outros graves, que provocaram a perda de grandes amigos nossos. O meu temor é de que a doença entre em minha casa e afete meus pais, que são idosos, ou minha filha. Num primeiro momento fiquei sem chão, a primeira reação humana é de grito, revolta e dor, e depois a ficha cai e entendo que não depende de mim, a vida de cada pessoa pertence a Outro, assim como a minha. Experimento que este tempo, como você nos mostra, é uma oportunidade de experimentarmos o paraíso aqui e agora. É estranho expressar isso, até para mim, mas a companhia do Movimento, das pessoas que me são dadas, os vários gestos propostos têm me ajudado a experimentar isto: pedir, gritar e desejar estar na presença de Cristo, que me ajuda a viver cada momento não indiferente, mas aberta, vivendo a dor de outras pessoas e presentes em oração, do despertar ao deitar. A oração, o pedido de proteção a todos, passou a ser vivida até no trabalho. Havia momentos em que parávamos tudo e orávamos por nós, por todos, amigos, conhecidos e desconhecidos, pedindo ao Senhor misericórdia e que o Espírito Santo iluminasse a nós e a toda a gestão maior da Secretaria de Saúde a buscar o melhor caminho para melhor cuidar da população sob nossa responsabilidade. Entregávamos tudo, não por nós, mas por um Outro. Intuitivamente ou

não, percebemos que esse gesto não era óbvio devido à dor que estávamos vivendo, mas acredito que tudo era e é ação do Espírito Santo em nossas vidas, para entendermos que nada era por nossos esforços, mas pela ação de Cristo em nossas vidas, e nos sentíamos mais fortalecidos para enfrentarmos o dia e a situação que se apresentasse. Assim compreendi a citação na Revista Passos: “Da natureza brota o terror da morte, da graça brota a audácia” (Santo Tomas de Aquino). Na minha natureza humana o medo da morte é presente, diário, mas em Cristo a graça que me é dada, investida em mim, me ajuda a viver cada situação com coragem, na certeza da promessa e da realização do projeto de Deus em minha vida. E a partir de mim, alcançar outras pessoas que tanto necessitam dessa audácia para enfrentar a realidade que nos é apresentada diariamente. Obrigada pela sua vida e pela companhia de todos, principalmente por todos os gestos propostos nesse tempo de isolamento no qual não me senti só em nenhum momento.

Carrón: Obrigada, porque essa é única razão para estarmos juntos, pelo fato de que nós, tendo encontrado Cristo, podemos estar diante de tudo porque, como você disse, justamente porque você recebeu essa graça pôde acompanhar as pessoas que encontrou no caminho com esse sofrimento, todos esses idosos que se encontram nessa dificuldade. É como se o Mistério te tivesse dado a graça, como você disse, o Espírito Santo te tivesse dado a graça para que você possa comunicar a todos com a sua presença, com a sua esperança, o significado desse sofrimento. E isso, paradoxalmente, é o que te prepara mais para enfrentar o medo diante dos seus pais. Porque justamente por isso, estando constantemente diante desse desafio, precisamos rezar, devemos crescer na familiaridade com Cristo de modo tal que também possamos estar diante do medo que não é só daqueles que sofrem, mas também nosso, do risco que correm as pessoas mais queridas a nós. Digamos que toda essa circunstância é, como você disse, uma oportunidade para que Cristo se torne mais familiar. Mas, atenção, não só porque a morte pode chegar, é porque Cristo é o significado da vida. Porque a nossa vida, mesmo sem a doença, mesmo sem a proximidade da morte... levantar-se de manhã, como dizíamos antes, sem Ele, é insuportável. Porque uma vez que descobrimos que Cristo é aquele que torna a vida vida, que nos faz verdadeiramente felizes e gratos, então não podemos deixar de desejar que Cristo seja cada vez mais presente na vida. Por isso, podemos dizer, no fim, esta que é a coisa mais bonita do nosso pertencer ao Movimento, que gera pessoas, como você disse, que nunca estão sozinhas. E não devemos considerar isso óbvio, porque a cultura em que vivemos nos leva ao individualismo, a pensar que o melhor de ser homens ou mulheres adultos é não pertencer a ninguém, é ser individualista. Porém, nesta situação cultural, neste momento de dificuldade, nós pertencemos a um lugar que nos educa, que nos faz crescer na autoconsciência de que nós nunca estamos sozinhos. Não só aqueles que viviam na Idade Média, mas agora, todos acham que não precisam de nada. Agora, o nosso Movimento nos educa, inocula em nós a maior vacina: nunca sozinhos. Essa é a vacina mais poderosa. Não há nenhuma vacina mais poderosa do que esta para enfrentar a pandemia: nunca sozinhos. É grátis. Sem precisar esperar que chegue: já. Está ao alcance de todos nós, porque mesmo que a vacina chegue, cedo ou tarde o sofrimento vai chegar, a morte vai chegar. Não é que a vacina nos dá a eternidade. E não é que todos aqueles que têm a sorte de serem vacinados, no dia seguinte, estarão todos felizes, transbordando de alegria e felicidade. Quantas pessoas que não estão doentes de covid, que estão muito bem de saúde, não estão felizes. Então, o problema não é responder à covid, o problema é responder à maior necessidade que temos, que é sermos felizes. E não é uma vacina que resolve isso, é uma Presença que resolve.

Uma das experiências que me provocou nestes últimos meses aconteceu em família. A minha esposa, atravessando um período duro de trabalho, começou a rezar com frequência o Terço, após pôr nossa filha mais velha na cama. A nossa filha de 6 anos, que costuma pegar no sono ouvindo histórias da mãe, reparou que após a história ela segurava algo nas mãos e perguntou o que era. A mãe comentou que era uma forma de rezar a Nossa Senhora para ser acompanhada nos momentos difíceis. De imediato nossa filha pediu um Terço como presente de Natal. Uma noite, durante o ritual de adormecimento, entrando no quarto para pegar algo, surpreendo as duas com os terços rezando as Ave-Marias. A primeira reação foi significativa: me pareceu exagerado, quase repulsivo. Comentei isso com a minha esposa. Foi uma conversa rápida e impulsiva que terminou com uma pergunta que ela fez: “De que tem medo?” Neste período estávamos encarando na Escola de Comunidade o capítulo do “Templo no tempo”, e enquanto a pergunta da minha esposa cavava no meu íntimo chegou o parágrafo sobre a família: “É um Acontecimento que dá início a esse vínculo, tal como uma criança dá novo início a uma família [...] Dá-se um salto qualitativo no olhar entre o homem e a mulher, em que se torna possível o respeito (respicere), e a relação passa a ser cada vez mais significativa, como sinal da totalidade, ou seja, como sinal da colaboração para o Reino de Deus”. Quando li esta última parte me surpreendi com a mesma distância e estranheza que vivi ao ver a minha família rezar. Naquela pergunta da minha esposa ressoava agora aquela experiência do jovem rico: “O que devo fazer para conseguir a vida eterna?”, “Vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me”. E pensei que no fundo a minha reação foi aquela do jovem rico que não quis abandonar a própria medida sobre as coisas. Queria aprofundar o que significa para uma família colaborar com o Reino de Deus. E por que às vezes parece tão distante e estranho, quase repulsivo? O que ajuda a liberdade a essa familiaridade?

Carrón: Muito bonito! Sabe o que mais me impressiona? A sua filha. Algumas semanas atrás fiz uma reunião por vídeo com a comunidade da Suíça, e havia um menino de 6 anos cuja professora não permitia que as crianças falassem da covid na classe, porque esse era um problema de adultos. A professora queria poupar as crianças do problema da covid. E os pais logo identificaram, porque viram o menino fechado, com o rosto sombrio. Então, perguntaram a ele: “O que houve? O que você tem?” No fim, o menino respondeu: “A professora não nos deixa falar sobre isso”. Ou seja, o menino logo identificou algo que não o convencia. Depois disso, num encontro com outras crianças num gesto do Movimento para a sua idade, rezaram juntos também pelos avós, pelas pessoas próximas, e o menino logo mudou de expressão. E quando entendeu que aquelas crianças iam a outra escola, argumentou com os pais para mudar de escola. Às vezes, o primeiro que nos introduz à necessidade verdadeira são as crianças. Nós não nos tratamos como crianças... Tanto é verdade que você sente toda a estranheza pelo fato de que a filha de 6 anos possa estar ali com a mãe, rezando, quando, na verdade, as crianças não são estúpidas como nós pensamos. Elas também sentem a necessidade de uma explicação das coisas, de um significado, não é que são como cachorrinhos que não entendem nada porque são pequenas. Por isso fiquei impressionado quando ouvi esse pai da Suíça contar essa história. Depois, encontrei outros, a mesma história, porque diante de uma situação em que toda a família precisou ficar fechada em casa em quarentena porque um deles tinha sido contaminado, num determinado momento a criança pergunta à mãe: “Mãe, como a senhora conseguiu ficar fechada em casa durante toda a quarentena?” Como dizendo: “Como a senhora resistiu com todos nós aqui te aborrecendo?” Num determinado momento disse: “Você acha que este ano deveria ser apagado?”, “Mas eu aprendi tantas coisas”, diz o menino... Ou seja, a mãe

comunicou ao seu filho pequeno o significado da vida também durante a quarentena: vendo a mãe, não tirando os olhos da mãe. E, assim, essa mãe gerou um filho que pode desafiar culturalmente a capa da revista *Time* que diz: “O ano de 2020 precisa ser apagado”. E assim ela teve a oportunidade de entender essa estranheza que você sente. Ainda bem que há em casa pessoas que te introduzem ao significado último da realidade, que nem em casa você percebe, não te deixam em paz. Mas isso é um bem ou uma desgraça? Ter uma filha assim, uma mulher assim, é o que te introduz ao significado da realidade. Por quê? Porque nós pensamos que é muito pequena para sentir a urgência de um significado. As crianças precisam de algo que corresponda, e quando vê a mãe preocupada, ao vê-la com o Terço ela quer saber por quê, e quando a mãe explica por quê, ela também quer participar, e a mãe introduz à menina sem quase perceber, respondendo a uma pergunta dela. Não forçando a menina a rezar quando não quer rezar. Mas respondendo a uma pergunta da menina. É isso o que podemos oferecer aos nossos filhos, depois eles decidem o que fazer. Mas já começam, como dizia nossa amiga antes, a ser como educados a saber que nunca estarão sozinhos. Imagine então que tipo de dom podemos dar aos filhos desde pequenos. E não ser sozinhos como cães, dependendo de qualquer vaivém, sentimento, notícias da televisão, medo das pessoas, medo de outras crianças, tudo. Começam a ter a capacidade de uma ligação que vence o medo. É impressionante. Quando ouço vocês contarem essas coisas, sinto-me exaltado. Que uma filha de 6 anos já sinta a necessidade disso, me deixa admirado. Porque nós tratamos nossos filhos, no fundo, no fundo, quase como cãezinhos, como pequenos cães que não entendem nada. São seres humanos! E reconhecem você, reconhecem a mãe, e não confundem vocês com a senhora da limpeza, não confundem vocês com a professora, não confundem vocês com os amigos. A mãe é a mãe e o pai é o pai. Assim, precisam de algo que seja significativo para eles. Obrigado.

No ponto 7 da Escola de Comunidade do livro Deixar marcas na história do mundo, você diz que a nossa decisão não parte de nossa simples liberdade, mas tem origem num afeto, “numa adesão que se explicava pela estima que tinha por Ele”, e em consequência do qual não podia deixar de dizer “sim”. Algo que vem antes do meu sim. No ponto A do ponto 8, se afirma que “não somos nós que decidimos aquilo que é mais decisivo como instrumento para nos introduzir na relação definitiva com o destino, portanto, [...] é um Outro quem estabelece esse instrumento”. Em outras palavras, a vocação é algo que nos é dado. Dado. Da mesma forma não a elegemos, dizemos sim. Na vida muitas vezes eu me confundo e acredito que a realidade que temos diante de nós, problemas financeiros, o trabalho, os filhos, o marido, a casa, tudo parte dessa “minha boa vontade” de permanecer. Ora é um esforço descomunal, ora é uma benevolência do meu coração. Em ambas as hipóteses sou eu quem a produzo. Mas aqui se introduz algo muito maior! Parece-me que é uma novidade que ainda não atingi, poderia me ajudar a aprofundar esse ponto? Porque corresponde mais se acordo todas as manhãs com outro olhar, outra consciência do que sejam meus filhos, meu marido, minha casa, meu trabalho. E assim eu posso “decidir” ficar por essa ternura tratada aqui. Não por simples amor ao meu marido e aos meus filhos, por exemplo. Caso contrário, poderia chegar ao meu marido e dizer: “Não te amo mais”, então, tchau.

Tem sido uma graça viver e apostar nesse trabalho durante este último ano. Na última vez que nos encontramos, quando eu te contei sobre a experiência do meu afastamento e volta ao Movimento, você, Carrón, me fez uma pergunta que eu carrego comigo durante esse tempo e vou retomar agora. Eu disse a você que havia me afastado de CL depois de uma decepção, e eu achava que “eu

era a Igreja” e, portanto, conseguiria manter o que aprendi na experiência do Movimento, fora do Movimento, mas dentro da Igreja. Contudo, com o passar do tempo, a falta de contato com uma experiência viva de fé foi tapando os critérios de verificação que tinha descoberto e o afastamento que, anteriormente, era temporário, tornou-se definitivo. Passaram-se cinco anos. Em determinado dia uma pessoa muito próxima a mim, e que também tinha se afastado de CL, havia me comunicado que enviou um e-mail pedindo a desfiliação da Fraternidade e me deu os passos para que eu fizesse o mesmo. Do ponto de vista lógico, eu deveria me desfiliar porque não fazia sentido estar vinculada a algo de que eu já não participava havia cinco anos. No entanto, eu não consegui enviar o e-mail. Dia após dia e não consegui enviar o e-mail. Chegou um momento em que percebi que, se não podia sair, então eu tinha que voltar. Foi nesse momento, então, Carrón, que você me disse que eu tinha que entender por que eu tinha que voltar, que isso era decisivo. Graças à sua intervenção na Escola de Comunidade, eu entendi que, naquele momento em que decidi voltar, foi despertada em mim a pergunta: “Por que eu não consigo sair?” É nesse sentido que te agradeço a valorização que você dá à pergunta, pois ela é de fato “o limite último, a fronteira misteriosa da nossa liberdade”. O despertar da pergunta foi em mim o despertar do caminho. O despertar da pergunta em mim foi o que de fato me impulsionou à retomada, pois eu tinha que buscar a resposta, e entender o porquê de não conseguir enviar o e-mail. Nessa descoberta, dentro da Escola de Comunidade, e com rostos bem precisos, eu percebi que tenho em mim uma chama que não se apaga, uma chama que é irredutível. É realmente um fogo que carrego e que não é meu. E é o movimento Comunhão e Libertação o meu lugar onde, como no Evangelho das dez noivas, está o óleo que não deixa esse fogo apagar até a chegada do noivo. Num ano de tanta incerteza e divisão eu vi a unidade, Carrón, com a sua eleição por unanimidade na Fraternidade de Comunhão e Libertação. Também depois de 8 anos de casamento, nasceu meu filho, em meio à crise sanitária da pandemia. Eu tive a graça de vê-lo batizado em meio a essa companhia. São tantas as graças nesse ano, que vejo como Deus cuida de mim e como Ele me mimar. E a cada Escola de Comunidade me surpreendo ao reconhecer como Cristo está perto de mim e me toca. Não somente posso tocar Cristo fisicamente na Eucaristia, mas também posso tocá-Lo através do Seu Corpo misterioso nas pessoas que, ainda que virtualmente, encontro na Escola de Comunidade. Assim como no Evangelho em que as pessoas iam atrás de Cristo para tocá-Lo e serem curadas, eu na Escola de Comunidade sou curada. É na Escola de Comunidade que eu reconheço a Sua presença carinhosa que me salva no meu dia a dia, na normalidade da minha vida, com meu marido, com meu bebê. E, cada vez mais, entendo que o cristianismo não são os dogmas que tenho que seguir, mas o cristianismo é o encontro com Cristo vivo que me propõe o desafio, através da Escola de Comunidade, de segui-lo. Por isso eu agradeço a você, Carrón, por essa fidelidade à Escola de Comunidade e por acreditar na nossa liberdade dentro desse desafio.

Carrón: Uma salvação que não fosse livre, não seria salvação! Essa é uma das coisas mais bonitas do cristianismo: que Deus não quer escravos, mas filhos, livres. E você viu que o Mistério pode te dar um presente, uma graça, você disse no início, e te pôr num lugar como este, mas com as portas abertas, de modo que você pode ir embora. E deixamos você ir embora, sem tentar te deter, porque queremos que você pertença a este lugar livremente. E é você quem deve descobrir as razões, para que possa permanecer, sem ir embora, como o filho mais velho da parábola do filho pródigo: ele permaneceu, mas ainda não tinha entendido. Ao contrário, você se afastou, e a coisa mais bonita é que você não tenha conseguido enviar um e-mail pedindo para cancelar sua inscrição na Fraternidade, você não conseguia mandá-lo, de tanto que estava ligada, de tanto que tinha

reconhecido que aquele era o seu lugar. E este é o lugar que o Mistério, como disse antes nossa amiga, fixou para você. Porque, se qualquer outro lugar na vida da Igreja tivesse bastado para você, você poderia ir em frente sem voltar, não teria tido nenhuma cautela em enviar o e-mail. As portas da Igreja são grandes, você poderia ter encontrado uma paróquia, outro lugar, outro movimento, outro grupo... mas não encontrou. Tanto que, apesar disso, não conseguia enviar o e-mail para cancelar a sua inscrição na Fraternidade. E isso mostra como não somos nós que decidimos o lugar, o Senhor nos dá. O Senhor o dá a você porque você é uma pessoa com uma certa sensibilidade, com um certo uso da razão, com uma certa estrutura humana, e o Mistério gerou esse lugar que é CL, o Movimento, para responder à natureza da sua natureza, à estrutura humana que você é. Porque outros podem ir à missa distraídos, simplesmente cumprindo o preceito de ir à missa e depois tanto faz, não lhes interessa mais; apenas fazem o gesto moral que a Igreja pede, sem se interessar. Outros não estão nem aí e sequer vão à Igreja; mas você não, você, para estar num lugar, tem necessidade de entender. E por isso este lugar a tomou. E nem mesmo para ir embora você pôde evitar a pergunta: mas por quê? Você é isso. Dá para entender? E este é o dom que o Mistério deu a você antes de encontrar o Movimento, que você tem necessidade de um lugar que responda a todos os seus porquês, ou seja, à exigência da sua razão. Como ela também tem necessidade de entender, porque este lugar que o Mistério fixa, não é só uma decisão. Justamente por isso, porque pouco a pouco você decidiu, mas essa decisão foi consequência de um afeto, de uma afeição que se inoculou dentro de você, uma estima tal que você não conseguiu enviar o e-mail. Por isso, assim se entende como se gera realmente a decisão. Se você pensa em como nasceu a relação com seu marido, primeiro percebeu uma atração e foi atrás dele, é um problema afetivo, um afeto. E só indo atrás desse afeto, apegando-se cada vez mais, estimando cada vez mais a pessoa, num determinado momento gerou-se tamanha simpatia que você diz: bom, se eu não me casar com ele... me aconteceu... Foi uma decisão da vontade, foi o resultado de uma afeição. Portanto (vejam como é humano o lugar ao qual o Mistério nos entregou, um lugar aberto onde alguém pode ir e vir, uma casa) só se permanecemos livremente. Porque senão não seria humano, portanto devemos entender as razões pelas quais permanecemos, assim como ela também precisava entender, porque não é uma decisão abstrata. E assim nos ligamos cada vez mais a este lugar, cresce em nós a gratidão por ter encontrado um lugar assim. Então, amiga, o Mistério também pode extrair do distanciamento uma coisa mais bonita para você. Porque você pode voltar e ser mais grata porque entendeu mais por que este lugar é tão decisivo, depois de ter feito a comparação com qualquer lugar. Não é que o Mistério te amarra aqui. Não, o Mistério te dá uma graça, não é que tira você da neblina, de outros lugares, não... você pode ir para qualquer lugar... Ele te desafia: vá onde quiser e veja se há outro lugar mais bonito do que este. Porque, assim, entende a estima de que se falava antes.

Cleusa Ramos: *Oi, Carrón, que saudades! Esta semana, no dia 24 de fevereiro, fez 13 anos do encontro da Praça da Sé.*

Carrón: Eu me lembro muito bem desse dia.

Cleusa: *E eu estava pensando no que aconteceu nesses 13 anos. No dia 24 eu estava muito, muito contente, eu estava como alguém que encontra um grande tesouro, e queria dividir com os meus amigos esse tesouro, que é encontro com o Movimento. E os dias se passaram e eu achava impossível que os meus amigos da Associação não quisessem esse tesouro tão lindo, e eu me sentia um pouco fracassada. E uma parte dos meus amigos de Comunhão e Libertação também não achou que o tesouro era tão bom assim. E os anos se passaram e eu continuo achando que o Movimento*

foi um tesouro que eu encontrei, e eu tenho sido sustentada por isso. E nessa semana eu chamei todos os que tinham participado naquele dia e li o texto que você falou, as coisas lindas que você disse, e eu perguntei: “Como foram esses 13 anos?” E todos me disseram: “Foi bonito”. “Mas o que mudou na sua vida?” “Foi bonito”. Então, Carrón, estamos cheios de coisas bonitas na nossa vida que não mudam nada. E eu penso cada dia mais que Deus me ama muito, porque aquele encontro foi como uma coisa exclusiva para mim e para quem teve a sua vida mudada. Então, nesta pandemia, hoje o Brasil está virado. Muitas pessoas estão se escondendo debaixo da cama, outros estão deprimidos. Isso porque as pessoas encontram coisas e acham bonitas. Eu, pessoalmente, estou muito contente e agradeço muito a sua companhia. Eu tenho me sustentado por isso, tenho me lembrado dos nossos encontros, lembrado de tudo o que você fala para nós. Às vezes eu nem entendo tudo, mas me corresponde e eu sigo. O mundo está virado, mas eu estou contente, continuo na Associação fazendo tudo o que pode ser feito. Não podem ser feitos os grandes encontros, mas é possível levar comida para os pobres na rua, e na Associação fizemos um encontro num hospital que é na periferia. Fazemos um bolo, um doce, e levamos para os médicos, vamos fazer companhia para a equipe médica, para as enfermeiras. Eu tenho o privilégio de conhecer pessoas da favela, de conhecer empresários, e para todos eu dou a oportunidade da Beleza do que eu encontrei, de ter a paz que eu tenho, e ver o mundo da forma que eu vejo. Então, para mim, o encontro da Praça da Sé continua sendo a mesma coisa, o mesmo significado que teve há 13 anos está presente hoje. Um encontro definitivo na minha vida. Eu nunca tive dúvida de que o Movimento salvou a minha vida, salvou a Associação. Eu nunca me esqueço daquilo que você disse, que se nós podemos fazer 10, não podemos fazer 9 porque é pecado, e não podemos fazer 11 porque é pecado, porque quem trabalha com social quer abraçar o mundo. E você disse: “Cristo não curou todos os doentes da Palestina”. Então, as suas palavras têm sido remédio, têm sido a vacina para levarmos estes tempos difíceis. Mas tem ainda uma coisa que me preocupa. Eu não tenho problema com a minha fé, não tenho dúvida de que o Movimento salvou a minha vida, de que o Movimento é o meu porto seguro. A única dúvida que eu tenho hoje, Carrón, é sobre essas coisas virtuais. Essas coisas não são boas, elas nos tiram da realidade, nos tiram do calor humano e eu tenho muita tristeza. Então, pior do que a pandemia, o medo que eu tenho é desse comodismo do on-line, do virtual. Isso é uma coisa perigosa. E hoje na Associação todo mundo acha bonito: “Encontramos 20 mil pessoas, encontramos 30 mil pessoas, para que você vai fazer reunião? Para que isso?” A minha sorte é que eu tenho aqui em São Paulo os Memores: a casa dos homens e das mulheres também. E o Marco, que é meu grande companheiro, e a gente tem vivido isso junto.

Carrón: Obrigado, porque isso mostra, em primeiro lugar, que você intuiu desde o início que o encontro com CL era um tesouro, que o encontro com o Movimento era um tesouro. E, desde o início, você quis compartilhar com todos os seus amigos. O dia 24 de fevereiro de treze anos atrás na Praça da Sé era o desejo de compartilhar com os amigos o tesouro que você tinha encontrado. Mas como você vê, como dizíamos antes, não podemos impor. Cada um, depois, pode acolher ou não o tesouro que lhe é dado. E pode acabar deprimido. Muitos aderiram e muitos não aderiram. Por quê? Porque esse dom passa pela liberdade, como dissemos antes. Por isso, você não precisa se preocupar tanto com o virtual, porque na Praça da Sé estávamos todos presentes e nem todos aderiram. Agora, o formato com que nós alcançamos os outros pode ser virtual porque é uma maneira de não nos contaminarmos, mas acontecerá não porque é virtual ou porque é presencial, ocorre porque a liberdade das pessoas se move e elas aderem. Não é um problema do instrumento. Não confundamos o instrumento – o encontro carnal ou o encontro virtual – com o tesouro, porque

mesmo se alguém recebesse um tesouro pelo correio... ficaria contente se chegasse 1 milhão de dólares pelo correio, mesmo que o milionário não o entregasse pessoalmente. Por quê? Porque é um bem. Por isso, nós fazemos aquilo que o Mistério nos permite fazer. Poderia ter nos mandando um outro tipo de vírus que não impedisse o contato físico; mas nos mandou um que diz que não podemos nos aproximar. Mas nós não temos nenhum problema porque, assim como fazemos este encontro, podemos fazer outros através dos quais podemos compartilhar o tesouro que nos foi dado. Por isso, depende da liberdade de cada um, de modo presencial ou virtual, responder a esse dom, ok? Obrigado.

Bracco: Obrigado, Julián!